

DEPOIMENTO DE UM TÉCNICO

(Combat Forces Journal. E.U.A., outubro, 1950)

Tradução : NICODEMUS

O General J. Lawton Collins, Chefe do E.M.E.E.U.A., de regresso da Coreia, deu ao povo norte-americano o testemunho de sua observação pessoal:

Pergunta: É certo que os feitos do soldado norte-americano e do Exército dos Estados Unidos na Coreia não são nada desvanecedores para o povo deste país?

Gen. Collins: Eu me sinto extremamente vaidoso com o que o nosso soldado e o Exército têm realizado na Coreia.

Deixem-me contar-lhes o que sei, e depois digam-me quem poderia ter procedido melhor.

P. — Não nos interessa indagar quem poderia fazer melhor, mas saber o que foi realmente feito. Não eram tropas inexperientes as que foram mandadas deter a avalanche blindada comunista?

R. — Eram de fato inexperientes; e cometeram erros, como era natural e inevitável. Mas onde encontrar, em tempo de paz, tropas com experiência de combate? O soldado aprende a combater combatendo, assim como operando é que o cirurgião adquire perícia. A instrução prepara o soldado, mas só o combate lhe dá proficiência.

P. — Confessa, pois, que eram bisonhas. Não se ressentiam, também, de instrução deficiente?

R. — O grau de instrução que apresentaram honra os méritos do Gen. Mac Arthur, que teve de lutar, para adestrá-las, contra empecilhos tremendos: a disseminação das tropas sob seu comando, entregues a trabalhos de minúcias inerentes ao governo militar; um país onde todo espaço livre é apro-

veitado para produzir alimentos. Representando, no comando, uma democracia, não lhe seria lícito confiscar impiedosamente áreas enormes destinadas a manobras militares, em risco de levar à fome o Japão.

P. — Então, além de inexperientes estavam mal instruídas. E apesar disso o senhor as enviou à Coreia desaparelhadas e por partes?

R. — E lá se mantiveram. A primeira unidade a chegar tinha efetivo equivalente a meio batalhão de infantaria; foi empenhada mal desembarcou pela manhã, e conteve, sozinha, até à noite, uma divisão comunista inteira. Parece-lhes isso obra de recrutas?

P. — Nosso armamento não era inferior ao que possuía o inimigo? Por que não dispunham as tropas norte-americanas do tipo pesado de lança-rojão?

R. — Porque essa arma acabara de entrar em linha de fabricação. Foi um milagre de logística termos podido fornecê-la tão prontamente às forças em operações. Somente duas ou três semanas após o avanço coreano pôde ser iniciada a produção em massa de projetis para esses petrechos. E nossos homens receberam munição e armas numa questão de dias.

P. — E quanto aos nossos carros? Por que eram eles tão ineficientes?

R. — Porque a ocupação do Japão exigia o uso de carros leves. Nossos carros médios têm tonelagem excessiva para as pontes japonesas; seu emprégo nos misteres

de ocupação teria inutilizado todo o sistema rodoviário do país.

P. — Teremos nós carro capaz de destruir os carros comunistas?

R. — Depois que chegaram à Coréia nossos carros médios, não houve um só encontro em que as forças norte-americanas não tivessem posto fora de combate qualquer engenho lançado contra elas pelo adversário. E aqui respondemos também a quantos proclamam não termos nós carro capaz de deter o T34 dos comunistas.

P. — De qualquer maneira, estamos extraíndo, da campanha da Coréia, ensinamentos táticos e lições de técnica que nos serão proveitosos na emergência dum conflito de maiores proporções. Não é essa sua opinião?

R. — A luta na Coréia, país primitivo e acidentado, apresenta características particulares. Os processos de combate lá adotados pouco têm a ver com o que nos cabe realizar a fim de estarmos preparados para uma guerra possível em outra parte do mundo.

P. — A Coréia é, então, uma amostra do que será a guerra moderna?

R. — Muito ao contrário: é o retorno aos antigos processos de combate. Precisamos tomar cuidado para que os ensinamentos dela tirados não venham a alterar nossas concepções do futuro.

P. — E a Força Aérea, General? Não deixou ela de dar-lhe apóio tático adequado?

R. — A Força Aérea, como o Exército, estava entregue a missões de paz, e teve de adaptar-se, da noite para o dia, às operações de combate. O General Walker poderá confirmar-lhes que teríamos perdido a Coréia, não fôsse a atuação da Aeronáutica nos primeiros dias da campanha.

P. — Mas houve confusão e malentendidos quanto ao apóio aéreo, não houve?

R. — A princípio houve. Mas após os desajustamentos iniciais a situação melhorou sempre. Foram enviados rapidamente dos Estados Unidos destacamentos especiais da Força Aérea para o controle das missões aero-táticas; cada divisão norte-americana possui atualmente o seu, e outros foram dados em apóio a unidades sul-coreanas. A ligação terra-ar funciona agora bem.

P. — Haverá necessidade de distrair na Coréia meios das três forças armadas?

R. — A campanha da Coréia provou que só um tipo de organização é capaz de conquistar o terreno e manter sua posse: exércitos terrestres, apoiados pela aviação tática, e que tinham suas linhas de transporte guardadas por forças navais.

P. — agradecidos, General. Estamos satisfeitos.

BOMBAS "BERNET"

Fábrica: MATOSO, 60 — RIO

BOMBAS DE QUALIDADE

DE ¾" — 4", DE BAIXA E ALTA PRESSÃO

BANCO INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE SANTA CATARINA S/A

Agência do Rio de Janeiro — Rua Visconde de Inhaúma n. 134-C

ABRA UMA CONTA NO "INCO" E PAGUE COM CHEQUE